

SOMNIUM

BOLETIM DO CLFC

ANO III - Nº 27 - MAR. 88



O SER
ASSASSINO
KATE
WILHELM

Cary 88

SOMNIUM® é o boletim oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas a apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem juz a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados estão creditados a seus respectivos autores; as demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria do boletim.

Somnium nº 27 - março de 1988 - Ano 3 Editor : R. C. Nascimento - Tiragem : 100

Í N D I C E

Ilustração : Cesar R.T. Silva [Capa] - Adalberto José dos Santos [pág. 22]		
Editorial		1
Sociais		1
Noticiário Nacional		2
Noticiário Internacional		3
Cartas dos Sócios		
. Marcello Simão Branco		4
. Miguel Francisco da Cruz Carqueija		4
. Gerson Lodi Ribeiro		4
. Márcio Maso Panzani		5
Contos		
. Crônica de uma Nova Era	Ícaro dos Santos França	5
. As Abelhas de Rigel-7	Roberto de Souza Causo	7
. Extinção em Massa	Gerson Lodi Ribeiro	9
. Fuga	Laerte Francisco Lemmi	10
Artigos		
. Regresso	Boris Strugatski	11
. Resenhas	Gilberto Schoereder	14
. Tirando uma grande Dúvida	Rubenildo Pithon de Barros	16
. O Poeta da Infância e do Futuro	Marco Aurélio Lucchetti	17
Crônicas do André		
. Edart, Disco Voador e o futuro "Da Lata"	André Carneiro	19
Colecionando		
. Rio Gráfica Editora	Caio Luiz Cardoso Sampaio	21
Pockets em Revista	Sérgio Fonseca de Castro	
. The Colour out of Time	José dos Santos Fernandes	22
Registro de Sistemas Planetários		
. II - Setor de Astronomia	Leon Schita	24

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, SP aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob nº 79.416/86.

Sua Diretoria, para o biênio 87/89, está composta pelos sócios R. C. Nascimento [Presidente], Ivan Carlos Regina [Secretário Executivo] e Carlos Roberto Dontal [Tesoureiro].

Compõe ainda a administração o sócio Sérgio Fonseca de Castro [Representante Oficial no Rio de Janeiro].

Toda correspondência para o CLFC e para a Editoria do Somnium deve ser endereçada para
 Caixa Postal 2209 - Ag. Central
 01051 São Paulo, SP

A Editoria agradece aos sócios que colaboraram com matérias para este número do boletim, e solicita que novos trabalhos sejam remetidos, lembrando que a data de fechamento da edição, para recebimento de matéria, é 20 (vinte) do mês.

EDITORIAL

Os Grupos de Interesse têm sido uma das atividades mais incentivadas no âmbito do clube. O primeiro grupo formou-se há já algum tempo, e está dedicado a Perry Rhodan. Procura firmar-se, ainda, mas já edita uma publicação interna, intitulada O Rhodaniano, e paga o preço do pioneirismo: está aprendendo como se organizar, como manter ininterrupto seu 'round-robin', como montar e editar seu GIzine [termo proposto por esta Editora para designar os fanzines dos grupos de interesse], como arregimentar novos membros, como divulgar suas atividades. Um segundo grupo arrisca os primeiros passos na criação de um GI, desta vez dedicado a Star Trek - que tem um número significativo de interessados. Fala-se num grupo interessado em criar um GI dedicado a Philip K. Dick. Assim é que estamos oferecendo aos interessados: 1. espaço no Somnium, como seção fixa, intitulada tentativamente 'GIs Em Ação', para que se divulguem a criação e atividades dos grupos, independentemente da eventual criação de seus GIzines; 2. orientação e dicas para a criação e desenvolvimento de grupos de interesse. Acreditamos estar dando uma contribuição básica para a implementação deste tipo de atividade que, repetimos já inúmeras vezes, está entre as prioridades desta administração. Nosso release institucional está tendo seu texto revisado, e o novo texto não só mantém, como amplia seus comentários com referência aos grupos de interesse. Você, que tem especial interesse num autor, série ou tema, anuncie esta predileção na nova seção: a partir daí, é quase certo estar se iniciando a formação de um novo GI pois, como você, certamente muitos outros terão os mesmos interesses. Que tal uma especial atenção ao assunto?

SOCIAIS

NOVOS SÓCIOS

Este mes estamos recebendo mais seis companheiros em nosso quadro. A todos as nossas melhores acolhidas e o desejo de uma rápida integração às nossas atividades:

- 108 Luiz Moreira Júnior é estudante de eletrônica, e seus interesses se concentram na eletrônica, astronomia, física relativista, e ufologia. Está se juntando a nós na intenção de expandir seus horizontes na FC, pois está começando no gênero. Dos autores que já leu, prefere Asimov e Clarke [Av. José Antonio de Barros, 326 - 12080 Taubaté, SP]
- 109 Eva Maria Lakatos é professora universitária, e muito interessada em todos os tipos de FC, exceto os denominados 'fantásticos'. Gostaria de obter, por troca, o número 30 da Argonauta [Rua Alcindo Guanabara, 101 - 01546 São Paulo, SP]
- 110 Luiz Geraldo da Silva é técnico eletrônico e está interessado em ciências de modo geral (física, astronomia, parapsicologia em particular), e seus autores prediletos são Heinlein, Dick, Clarke, Asimov e Silverberg [Rua Juriti, 90 - 12220 São José dos Campos, SP]
- 111 Raul de Oliveira Viana Júnior também é técnico em eletrônica, sendo seus principais interesses a robótica e a futurologia. Tem escritos três contos de FC que enviará oportunamente. Seus autores preferidos são Asimov, Clarke, Evelyn Lief, David Gerrold, Fred e Geoffrey Hoyle e Jorge Luiz Calife [Rua Itaperuna, 111 - 24240 Niterói, RJ]
- 112 Bruno Pinto da Rocha Andrade é advogado, interessando-se primariamente por leitura, música progressiva e vídeo. Coleciona Argonauta, Nebula, Europa-América, Gradiva e os nacionais [Rua Joaquim Nabuco, 150/701 - 22080 Rio de Janeiro, RJ]
- 113 Manuel Jorge N. de Azevedo é engenheiro químico, ainda que profissionalmente esteje dedicado ao ramo bancário. É apreciador de cinema, artes gráficas e literatura. Em FC, está particularmente interessado na assim chamada 'new wave' [Estrada do Guambi, 674 - 22745 Rio de Janeiro, RJ]

NOVOS ENDEREÇOS

- 17 José dos Santos Fernandes [Rua Barão de Itapagipe, 200/101 - 20261 Rio de Janeiro, RJ]
- 61 Ayrton Santos Miranda [Rua Sebastião Miranda, 45 - 12300 Jacareí, SP]

62 Sérgio Fonseca de Castro [Rua Senador Vergueiro, 35/1204 - 22230 Rio de Janeiro-RJ]

ANIVERSÁRIOS

Março :	1 Paulo Roberto E.R. Duarte	Abril :	7 Sérgio Fonseca de Castro
	4 Norton de Almeida Coll		15 Carlos Alexandre Amorim Rocha
	5 Alfonso Moscato Neto		18 Cláudio Frederico da Silva Ramos
	12 Ismael de Carvalho		28 Cláudio Gonçalves Tiago
	Gil Augusto L.M. Freire		29 Janey Frederico Metzger Santos
	Álvaro Ricardo de Souza Jr		30 Araty Peroni
	15 Ivan Carlos Regina		
	19 José Alves Pereira Filho		
	25 Álvaro de Souza H. Ferreira		

A todos, os nossos melhores votos de vida longa e prosperidade.

NOTICIÁRIO NACIONAL

Por sugestão de nosso sócio Roberto de Souza Causo, a partir deste mês as seções 'Lançamentos' e 'Contatos Imediatos' se fundem e passam a constituir uma única seção sob novo título. Como no caso da seção 'Sociais', esta nova seção manterá referências particularizadas para cada um dos diversos assuntos que a compõem.

LANÇAMENTOS

A Editorial Caminho anunciando, na série Caminho-FC, seu número 59 Três Lágrimas Para Lelas, do jornalista português Artur Portela. São 26 contos curtos, que valem a pena para se conhecer mais este escritor de FC em língua portuguesa.

A Brasiliense anuncia estarem no prelo mais dois títulos de sua série de FC. O primeiro é A Guerra das Salamandras, de Karel Capek; a segunda, Vida, Universo e Sabe Lá o Que Mais, de Douglas Adams. Esta última é a terceira das quatro obras de Adams que começou com o Mochileiro das Galáxias.

A Argonauta anuncia Null-A Três, de A. E. Van Vogt, parte da trilogia Null-A, da qual a coleção publicou o primeiro título.

CONTATOS IMEDIATOS

Recebemos do sócio Gilberto Schoereder, para compor o acervo de nossa biblioteca, exemplar de seu livro Ficção Científica, publicado pela Francisco Alves. Veio com a seguinte dedicatória: *Aos amigos e sócios do Clube de Leitores de Ficção Científica, que tanto têm feito pela divulgação e entendimento do gênero no Brasil, um agradecimento sincero. Gilberto Schoereder, 05/02/88.* Em nome de todos os associados do CLFC, nossos melhores agradecimentos [enquanto aguardamos o próximo título].

Recebemos da Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos, carta nos seguintes termos: *Parabenizamos-lhe e a seus companheiros do CLFC, pelo esforço na organização e no funcionamento desse Clube, e pela produção do excelente Somnium, que é a melhor publicação, no gênero, já recebida pela BNHQ. A sua seção de HQ (que é o nosso interesse maior) é simplesmente ótima! ... Nosso acervo é de cerca de 1600 volumes: revistas e álbuns, livros, fanzines, suplementos e tiras de jornais. ... A BNHQ foi criada em 11/87, com o objetivo de organizar e manter um registro de toda a atividade concernente à produção das histórias em quadrinhos no Brasil. ... Gostaríamos de sua ajuda na obtenção de tiras e suplementos de jornais editados em São Paulo. Os interessados em ajudar, escrevam para a BNHQ - Rua Cuiabá 833 Prado - 30410 Belo Horizonte, MG.*

Recebemos do CENPEC-RS, Centro de Pesquisas Cinematográficas do Rio Grande do Sul, carta em que solicita a divulgação da pesquisa atualmente em andamento, referente ao ano de 1987, para os 'melhores do ano' nas categorias de filmes, diretores, atores e atrizes. Para cada categoria, indicar até três nomes, desde que tenham estreado/estrelado nos cinemas nacionais no decorrer de 87. Enviar as contribuições para CENPEC-RS, aos cuidados de Carlos Zeferino, até 31/07/88, à Rua Pereira Passos 91 - 94000 Gravataí, RS

Recebemos o fanzine nacional Espantomania 2, com artigos sobre Trancers e outras produções de Charles Band; máscaras de John Caglione e Doug Drexler e muito mais. Pedidos

para Editora Gênese, Rua Robert Sandall 67/11 - 11032 Santos, SP.

Recebemos, da Brasiliense, a revista Primeiro Toque [nº 23, fev-abr.88] com comentários de Claudio Carina sobre Tiger ! Tiger !, de Alfred Bester, e de Carlos Salum sobre O Homem do Castelo Alto, de Philip K. Dick.

Recebemos de nosso representante no Rio de Janeiro, Sérgio Fonseca de Castro, exemplar da Revista de Domingo, do Jornal do Brasil de 06/03/88, com a reportagem 'Esses homens exóticos e seus estranhos clubes', na qual algum espaço foi dedicado ao CLFC. Apesar das incorreções do texto, para as quais já se chamaram as atenções dos editores, foi uma importante conquista de espaço de divulgação que, esperamos, venha contribuir decisivamente na expansão de nosso quadro e nossas atividades.

Recebemos do Clube do Livro o jornal Ponto de Encontro [nºs 15 e 16, referentes a fev/mar.88 e mar/abr.88], com muita matéria interessante. Os interessados em conhecer melhor as atividades daquele clube, escrevam para Praça Carlos Gomes 126 - 01501 São Paulo, SP ou para Av. Paranapuã 1429 Ilha do Governador - 21910 Rio de Janeiro, RJ.

Recebemos, por intermédio de nosso sócio Bias Francisco Gonçalves, do Rio de Janeiro, o catálogo dos serviços bibliográficos da Livraria Portugal [Lisboa], no qual aparecem alguns dos recentes lançamentos da Argonauta, Europa-América e Caminho, já relatados.

NOTICIÁRIO INTERNACIONAL

Definida a data do 1988 Nebula Award Banquet : será em 20-21 de maio próximo, no Hollywood Roosevelt Hotel, em Los Angeles - CA. O custode US\$50.00 já inclui as entradas para os dois dias de conferência da SFWA.

Os jurados para o 1988 Nebula Award também já estão escolhidos. São Bruce Coville, .. Charles de Lint, George Alec Effinger, Nancy Etchemendy, Cynthia Felice, Joe Haldeman, e Martha Soukop.

Em homenagem aos 70 anos de Arthur C. Clarke, o Conselho Municipal da cidade de Minehead, na Inglaterra, onde ele nasceu, mandou colocar uma placa comemorativa do evento na sede da administração local.

Uma inundação ocorrida em novembro último destruiu a coleção de Allan Asherman referente a Star Trek e Superman. Quaisquer colecionadores que desejarem ajudar na reconstrução das coleções, doando material, podem fazê-lo encaminhando os itens para Allan Asherman, c/o Dave Stern, Star Trek Editor, Pockets Books Inc., 1230 Avenue of the Americas, New York NY 10020.

C. L. Moore faleceu em abril de 1987, mas somente agora sua morte é anunciada. Nascida em 24/01/1911, em Indianapolis IN, Catherine Lucille Moore é considerada uma das pioneiras e mais importantes escritoras de sua época, ligada aos gêneros de FC e fantasia. Sua primeira estória, intitulada Shambleau, foi escrita em 1933 e trouxe em seu contexto o embrião do que seria a série Northwest Smith de aventuras de FC. Em 1934 cria a série de fantasia heróica baseada num personagem feminino, uma jovem guerreira chamada Jirel. Casada com Henry Kuttner em 1940, escreveram em conjunto várias obras, usando mais de dez pen-nomes dentre os quais Lewis Padgett, Lawrence O'Donnell e Keith Hammond. Abandonaram a FC por volta dos anos 50, passando a se dedicar ao gênero de trabalhos voltados a mistério. Em 1958, com a morte de Kuttner, Moore passa a se dedicar ao ensino embora, como Catherine Kuttner, continuasse a desenvolver scripts para séries de TV como Sugarfoot, Maverick e 77 Sunset Strip até 1963, quando se casou com Thomas Reggie e abandonou definitivamente a carreira de escritora. Nos anos setenta, ela compareceu a algumas convenções, tendo sido convidada de honra na Denvention em 1981.

Recebemos o número 72 do fanzine File 770, editado por Mike Glycer, um campeão dos Hugo que, como já anunciamos, recebeu mais um este ano. Quem desejar assinar o fanzine, é só escrever para Mike Glycer, 5828 Woodman Ave. #2, Van Nuys CA 91401, USA. São somente US\$5.00 por cinco números.

Recebemos também o fanzine Mimosa #3, editado por Dick e Nicki Lynch. São 43 páginas com as mais diversas matérias, e muito interessante para se ter uma idéia do que os fãs americanos estão publicando nesta linha. Que desejar entrar em contato, escrever para Dick e Nicki Lynch, 4207 Davis Ln., Chattanooga TN 37416, USA. O exemplar custará apenas US\$1.50

CARTAS DOS SÓCIOS

MARCELLO (83) : gostaria de informar aos colegas a formação do Grupo de Interesse de Star Trek. Todos os trekkies interessados podem escrever para mim. Envia fotos, artigos, qualquer material referente à série e, se possível, desenvolvam ensaios, críticas, artigos a respeito da melhor e mais famosa série de FC já realizada. O futuro fanzine se chamará Trek's Log e depende de todos nós. Vida longa e próspera a todos.

Parabéns pela iniciativa. Desde já, queira por favor considerar a inscrição deste Editor e fã de ST no seu grupo de interesse. Como dissemos, conte desde já com nosso entusiástico apoio à iniciativa.

MIGUEL (89) : tenho vontade de entrar em algumas polêmicas e discussões, mas de momento trago um assunto que julgo mais urgente : muito se falou sobre Jerônimo Monteiro, inclusive pelo Somnium (foi o 'autor do mês' que o Klaverson focalizou, com entusiasmo, no número 15). Entretanto, ainda não vi uma tentativa de levantamento mais completo desse autor tão importante para nós. Por isso, quero acrescentar alguns subsídios : Jerônimo foi também tradutor. Eu tenho os dois volumes em que foi publicada, em Portugal, a novela 'The puppet masters', de Robert Heinlein (obra de importância capital), traduzida por JM. Isso, aliás, mostra que nosso querido André Carneiro (a quem dou os parabéns pelo 2º lugar no concurso de poesia da 4ª Bienal Nestlé, com sua obra 'Pássaros Florescem') não foi o único autor brasileiro de FC a obter repercussão no exterior. Jerônimo Monteiro também fez um programa radiofônico de ficção científica e — fato pouco lembrado — assinou uma série de livros com o pseudônimo de Ronnie . . Wells. Essa talvez tenha sido a primeira coleção brasileira do gênero. Um levantamento maior da obra de Monteiro — que inclui publicações da década de 30, relacionadas no volume 'Os visitantes do espaço' — deve abranger também os seus inéditos. É sabido que nenhum escritor ativo morre sem deixar inéditos. Está na hora, portanto, de entrar em contato com a filha de JM, para saber alguma coisa a respeito. Quem sabe o Somnium possa vir a publicar alguns desses trabalhos !

Seria, sem dúvida, um privilégio. A idéia é interessante e talvez o Norbert, que privou da intimidade da família Monteiro, pudesse ser de alguma valia. Vamos tentar ?

GERSON (90) : envio para apreciação dois contos curtos e um artigo, temeroso de que não estejam à altura do Somnium. De qualquer modo, decidi arriscar. Se a qualidade destes trabalhos for julgada baixa, será um incentivo para melhorar em algo no qual me julgo bastante inexperiente : o conto curto. Mudando de assunto, uma preocupação : a desvinculação da anuidade (que não mais existe) do direito de receber o Somnium, não colocaria em risco a existência da mesma e, conseqüentemente, do próprio CLFC, ao menos como nós o conhecemos atualmente ? Tenho receio de que alguns sócios (ou não-sócios) 'comodistas' contentem-se em ler o boletim recebido por terceiros, ou mesmo 'xeroque' as páginas mais interessantes do mesmo. Neste caso, a tiragem do Somnium despencaria como um meteoro na alta atmosfera. Sinceramente, espero que tal não ocorra, e acredito que vocês já devem ter pensado a respeito. Em todo caso, fica aqui minha preocupação de quem já assistiu a queda meteórica de várias boas iniciativas da FC nacional e espera não assistir a da melhor de todas.

Obrigado, em nome de quantos fazem a realidade do Somnium, pelas palavras elogiosas. O seu trabalho, como a maciça maioria dos que recebemos, não são sujeitos a crítica com objetivo de 'corte'. Temos sido criticados por não sermos mais 'exigentes' na seleção de contos. Ora, como apresentar um trabalho à crítica, senão publicando-o ? Se restringimos um trabalho à nossa crítica, somente, acabamos nos transformando numa barreira intransponível àqueles que não atendam ao nosso gosto pessoal. Assim, e com raras exceções, não devolvemos trabalhos. Já quanto à sua preocupação no que respeita à nova sistemática para aquisição do Somnium, pense no seguinte : 1. quem não pagava a semestralidade do CLFC, não recebia o Somnium; quem não o assinava, não o receberá. Não mudou muito, não é ? 2. Quem não pagava a semestralidade e não recebia o Somnium, poderia estar fazendo as cópias-piratas a que você se refere, contando é claro com a cômplice de outro sócio — os dois prestando um desserviço ao clube e à FC; quem não assinava e não recebia o Somnium, poderia fazer as cópias-piratas da mesma forma, se contar com a ajuda de outro sócio, sem que possamos ter controle sobre isso. Também não muda muito, não é ? De prático, a nova fórmula assegura recursos prévios para a publi-

cação do boletim, sendo mais justa na medida em que não impõe aos sócios que honram os recolhimentos das semestralidades o ônus pelos demais. Finalmente, podendo o Somnium ser assinado por não-sócios, aumenta na verdade o potencial de seus leitores e, portanto, de sua tiragem. Até o momento, os fatos não invalidaram esta proposta. De qual quer forma, gratos pela preocupação.

MÁRCIO (93) : é muito pouco saudável para o Somnium que uma colaboração deixe de ser aceita por esta Editoria não concordar com um título (vide correspondência do colega Caio no número de janeiro). A obra pertence aos autores ... vocês também mudam as títulos dos contos publicados ? Aceitem esta como uma crítica construtiva, pois todos nós, sócios e aficcionados, precisamos de mais matérias e subsídios para nossas coleções e leituras, e discussões como essa não levam a lugar nenhum.

É claro que aceitamos a crítica, mas gostaríamos de fazer algumas considerações : 1. a colaboração encaminhada ao Editor deve passar por uma avaliação, por mais simples que seja, pois é obrigação daquele assegurar o padrão da publicação. Veja que, se houve alguma intransigência, esta partiu dos autores, e não da Editoria que ofereceu várias alternativas além de outras que os próprios autores quisessem apresentar. 2. Nós não alteramos títulos de contos, é claro; mas nos reservamos o direito de sugerir alterações, quer de título, quer mesmo de desenvolvimento do trabalho, submetendo-as ao seu autor. São prerrogativas do Editor de qualquer publicação. 3. Da discussão em torno do caso acabou surgindo uma solução de consenso, que propiciará a publicação do trabalho, como encarte deste mesmo número do Somnium, talvez em melhores condições do que as inicialmente imaginadas quer pela Editoria, quer pelos próprios autores. E todos saíram ganhando. 4. É uma ilusão - para não dizer uma pretensão descabida, achar que um título não possa ser melhorado, ou um texto aperfeiçoado. Quando um Editor sugere uma ou outra alteração, está protegendo a sua publicação mas, também - e é bom lembrar, o próprio autor. Não acertará sempre, é claro, mas da discussão certamente surgirá a luz.

CONTOS

CRÔNICA DE UMA NOVA ERA

Ícaro dos Santos França

I

É dever do cronista oficial de sua majestade, na medida do possível e às vezes conveniente, falar a verdade. Portanto, por escolha pessoal e de posse de todas as minhas faculdades mentais, sem ressentimentos ou simpatias, passarei a relatar os acontecimentos que se passaram na Terra e nos céus durante aqueles dias que haveriam de ser o início de uma nova era para todos nós. Falarei a verdade. Se por acaso alguém me perguntar como consegui informações tão exatas, não responderei. Quem poderia me forçar a isso ? Quem exigiu de um cronista ou historiador depoimentos jurados ? Se você confia em mim, até a prova mais superficial irá convencê-lo; se não, nem mesmo a evidência concreta ante seus olhos irá mudar-lhe a opinião. Como eu disse, decidi falar a verdade, sem lhe alterar uma vírgula sequer.

II

Creio que o melhor começo para tudo que ocorreu pode ser localizado na manhã de 26 de agosto de - bem, por questões de segurança, omitiremos o ano. Uma manhã de domingo. A boate "Erotic Inn" acabara de encerrar seu expediente. Dançarinas, garçons e "funcionárias eventuais" vestiam-se rapidamente, não escondendo em seus rostos a fadiga. No balcão ao lado, muitas dançarinas - as mais sacrificadas, pois além de dançar tinham que participar dos shows de sexo explícito e eventualmente satisfazer um ou outro freguês cheio de cachaças e de carteira bem gorda - rapidamente engoliam um copo de café preto e forte, assim aguentando mais algum tempo acordadas até chegarem em casa. As outras simplesmente pegavam suas bolsas com as "roupas" de serviço (e uma ou outra prenda dada por um freguês demasiado satisfeito - um relógio, uma garrafa de vodca "Stolichnaya" legítima, um livro...) dirigindo-se lentamente para casa. Uma delas, cujo nome de guerra era "Lúcia" (nome pelo qual iremos chamá-la daqui por diante) dirigiu-se para seu apartamento, sem ao menos imaginar o que a aguardava.

Ela entrou no prédio, subiu no elevador, procurou a chave de casa em sua bolsa e entrou, arregalando os olhos e fazendo muita força para não desmaiar : alguém havia descoberto o local em que escondia suas revistas pornográficas dinamarquesas !

Pensando no que haveriam de dizer suas amigas da Liga Cristã de Defesa da Família e dos Bons Costumes, Lúcia reuniu os fios de força que ainda existiam em seu ser e avançou para o estranho, cujos olhos violáceos estavam bastante arregalados, perplexos, ao contemplar o conteúdo da revista dinamarquesa. Lúcia arrancou a revista de sua mão e o empurrou, fazendo-o cair sentado num sofá. Um instante depois ela reparou no estranho, na sua pele bastante azulada, nos seus cabelos cor de cobre, nos seus olhos violáceos, na sua roupa brilhante, repleta de aparelhos e sensores. Quando ela olhou pela janela e viu a aeronave brilhante flutuando a sua frente, aí sim ela desmaiou.

III

Sem saber o que fazer, Ossa esperou o ser da Terra acordar para perguntar o que estava acontecendo. Dois desmaios depois e após muitas demonstrações de que suas intenções eram pacíficas, os dois puderam finalmente conversar. Sim, ele, Ossa, não era da Terra e sim do Terceiro Mundo de Orionis. Sim, ele era pacífico. Houve um problema no HiperDrive de sua nave, o que o forçou a pousar na Terra. Por que justamente no apartamento dela ? É que ele precisava de um nativo mentalmente compatível para poder travar contato com os outros habitantes do planeta. Era a lei. Não, não iria fazer nada de mais. Apenas teria que morar em sua casa por algum tempo, para criar uma interface vibratória entre ele e a Terra. Não, a nave não era visível - estava num campo de êxtase que só permitia a eles dois a verem. Será que ela não teria nada para comer ? Ele tinha muita fome.

IV

"Sim" - Disse Ossa com a boca cheia, segurando um sanduíche e uma xícara de café - "Creio que todos nós somos assim como você disse ... sim-páticos (é assim que se pronuncia ?) ... Hum ... muito bom este sanduíche. Já estou aqui há cinco dias e posso afirmar que você prepara o alimento com muita precisão."

Lúcia arrumou seus cabelos com elegância, sorrindo. Levantou-se em seguida dirigindo-se para o armário da sala, pegando uma garrafa de vinho. Estranho : ele sequer reparou no decote ousado de seu vestido.

V

"Socorro ! Ossa, Ossa, Ossa ! Estou explodindo por dentro. Me ajude !"

Lúcia empurrou para baixo a cabeça do extraterrestre, fazendo-o vomitar no vaso sanitário todo o vinho que ela lhe oferecera, na esperança de torná-lo mais "sociável". Fracassou. Durante o restante da noite Ossa, mais aliviado, falou e falou sobre seu mundo, indo em seguida dormir. Ela, porém, custou a conciliar o sono naquela noite.

VI

Semanas se passaram. Ossa era excelente companhia para Lúcia, pois era excelente conversador e tomava conta da casa durante seu expediente no "Erotic Inn". Além do mais era um amor de pessoa - até mesmo as amigas da Liga Cristã em Defesa da Família e dos Bons Costumes, tão rigorosas em seus juízos sobre outras pessoas, gostavam muito dele, apenas lamentando que fosse tão anêmico e de coloração tão azulada. Parecia doente o coitado ...

Um dia, Lúcia decidiu que queria uma forma de carinho mais especial de Ossa, algo mais íntimo ... Ah, aí começou a tragédia. Se me fosse permitido voltar no tempo teria evitado aquele momento crítico ... mas, o que aconteceu, aconteceu e ponto final. Primeiro ela começou a perguntar-lhe como eram as mulheres de seu mundo. Ele não entendeu a pergunta : o que eram afinal, "Mulheres" ? Lúcia, resgatando de sua memória o que aprendeu de biologia, definiu-lhe o termo duvidoso. Com um suspiro de alívio, Ossa entendeu : Lúcia estava se referindo à outra espécie inteligente de seu mundo. Ela, perdendo o pouco de paciência que ainda tinha, perguntou, meio irritada, o que homens e mulheres faziam juntos em seu mundo. "Ah, muitas coisas." respondeu Ossa. "É claro que a outra espécie é mais temperamental e sentimental do que a nossa, mas podemos fazer muitas coisas ... jogar carteadado, pescar, disputar braço de ferro...". Ao falar "Braço de Ferro", Lúcia agarrou Ossa, começando a beijá-lo e acariciá-lo. Ela deveria ter sabido que no mundo de Ossa, a fecundação era Bioplasmática - sem o concurso e a ajuda do sexo para a pro

criação. A consequência era que contatos físicos como aqueles eram-lhe extremamente repulsivos, que somente os inimigos mortais do povo de Ossa, cuja fecundação era Hiloplasmática, isto é, com a ajuda da matéria e do sexo, se dedicavam a tais atividades. Com um safanão Ossa empurrou Lúcia, olhando-a com absoluta perplexidade com seus olhos violetas. Não podia acreditar no que aconteceu. Lúcia ... fazendo aquilo ? Gritando "fí que afastado de mim, Demônio Hiloplasmático !", Ossa começou a se dirigir para a janela. Lúcia, entrando em crise histérica, começou a gritar e a chorar, agarrando-se na perna de Ossa, dizendo que se mataria se ele fosse embora. Os dois começaram a gritar. Com muito esforço Ossa foi para a janela, chamou sua nave e tentou afastar Lúcia. Esta, ainda gritando e chorando, correu para a cozinha, agarrou uma faca de trinchar peixe e avançou para ele com um brilho assassino nos olhos. Antes mesmo que a nave encostasse no prédio, ele, gritando "Ossy, Ossa, Ossy", pulou pela janela do prédio, alcançando a comporta de sua nave por pura sorte, enquanto a lâmina da faca passava rente ao seu pescoço.

O resto todos sabem. A nave alienígena surgiu brilhante sobre o céu da cidade e uma voz possante deu-nos um ultimato : ou abandonávamos a prática impura do sexo, abraçando a forma de fecundação Bioplasmática e civilizada, ou a Terra seria visitada por uma frota de naves, que exterminariam todos os recalcitrantes. Foi-nos dado o prazo de cinco anos para que mudássemos de forma de reprodução. Depois veio a Terceira Guerra Mundial e eu infelizmente tenho que encerrar aqui a minha crônica pois uma frota de brilhantes naves espaciais acabou de surgir sobre nossa cidade e eu ainda não consegui convencer minha mulher que sexo hoje em dia é uma coisa muito, muito perigosa.

AS ABELHAS DE RIGEL-7

Roberto de Souza Causo

Abelhas é um termo forçado, uma vez que são insetos de um outro planeta. Mas em Rigel-7 elas ainda não tem nome popular e eu não sou muito versado em latim para guardar os nomes científicos.

Por acaso sou apicultor e, logo que visitei pela primeira vez os campos de Rigel-7, reparei nos pequenos insetos.

Na verdade, minha real profissão é técnico em manutenção de propulsores de espaçonaves. A paixão pela apicultura vem de meu pai, que me ensinou todos os segredos durante minha infância numa fazenda da Terra.

Um tanto contrastante, não é ?

Cheguei a Rigel-7 numa nave cargueira e tirei 3 dias de folga para conhecer o planeta. Foi um tempo mais que suficiente para reconhecer naqueles insetos uma função biológica semelhante às nossas abelhas.

A velha paixão emergiu e eu acabei ficando no planeta. A princípio o meu plano era estudar os bichos por algum tempo e, mais tarde, eu poderia me empregar novamente em outra nave qualquer.

Talvez eu aspirasse alguma fuga das rotinas sufocantes de um técnico em manutenção. Pensava em ganhar a vida de outra maneira, para variar. Talvez eu pudesse produzir alguma espécie de mel ou, por que não, escrever algo sobre as "abelhas" para uma daquelas revistas especializadas em zoologia extraterrena. Mas isso se os insetos tivessem algum interesse especial.

Cedo descobri o primeiro desses aspectos originais : as "abelhas" não tinham ferrão. Isso me intrigou. Como é que elas se defendiam ? De início pensei que, na escala de especialização da estranha colméia (tinha favos de formato pentagonal), ao menos um tipo de "abelha" deveria ser dotada de ferrão. Mas logo vi que estava errado. Das operárias à rainha, nada de ferrão.

Hesitei muito em experimentar o mel. Não tinha ali meios para analisá-lo quimicamente e sempre temos que ser cuidadosos com substâncias alienígenas.

Porém, com o passar do tempo, esse detalhe tornou-se um entrave na pesquisa e então eu arrisquei. Tomei uma gotinha ...

O resultado foi estranho. Notei uma mudança na minha disposição de ânimos. Sentia-me muito bem !

Esperei algum tempo para me garantir contra eventuais efeitos colaterais e tomei uma dose dez vezes maior. Foi aí que fui parar nas nuvens !

Eu havia descoberto um estimulante fortíssimo, que age em todo o organismo, corpo e mente, capaz de triplicar a disposição e libertar a mente para viagens incríveis ! E, tudo isso, sem viciar ou causar efeitos colaterais. Nenhuma dependência física ou perda da noção da realidade. O estimulante mais inofensivo e prático que qualquer homem jamais experimentara !

Percebendo as possibilidades comerciais da substância, emprestei dinheiro de pessoas que eu nem ao menos conhecia e mandei uma boa quantidade para um laboratório na Terra, com o objetivo de verificar se ela era sintetizável.

Em breve veio a resposta, negativa lamentavelmente. Segundo o laudo, haviam no mel substâncias desconhecidas e impossíveis de reproduzir em laboratório.

Não esmoreci, pois sabia que poderia ainda comercializar o produto em seu estado natural. E eu confiava em suas potencialidades.

Que furor que ele não faria entre a juventude lá da Terra !

Entrei em contato com uma agência especializada no comércio de novos produtos vindos das colônias. Não foi difícil convencê-los.

Mandei uma boa quantidade de mel que eu já havia reunido (sem dificuldades, pois as "abelhas" sem ferrão mal tentavam defender suas colméias. Eram como um bando de moscas inofensivas) para tal agência que a fez passar por todos os testes de qualidade e higiene. A aprovação foi total e a agência comunicou que a expectativa para o lançamento do produto era imensa. A notícia já se espalhara e eles me encomendaram tudo o que eu pude enviar, para lá ser distribuído a preços exorbitantes.

Eu já esfregava as mãos diante da perspectiva de ficar rico.

Contudo, eu tinha que esperar a próxima estação para que as "abelhas" renovassem as colméias com mel.

Eu devia ter usado esse tempo para investigar mais a fundo os insetos, em vez de me ocupar com sonhos de riqueza. Tinha que haver uma justificativa para a ausência de ferrões naqueles bichos, senão como eles esperavam sobreviver como espécie ?

Mas o tempo passou e eu reuni mais mel (novamente sem problemas). Enviei tudo e recostei-me tranquilo, à espera do primeiro cheque vultoso.

Quando bateram à porta da cabana retirada que eu usava nas estações de coleta de mel eu saltei para a entrada, com mil cifras cruzando minha cabeça.

O que me entregaram não foi um cheque, foi uma intimação judicial.

Fiquei algum tempo preso no anticlímax. Quando me recuperei o suficiente, li a intimação, que explicava tudo. O carregamento fora distribuído totalmente e consumido com avidez. Quase imediatamente, as pessoas que o tinham ingerido caíram num estado depressivo próximo ao de coma e levaram em média 20 dias para se recuperarem o bastante para começarem a mover processos. A agência fora à falência em uma semana e eu estava sendo procurado pela saúde pública, pelos meus credores e pela polícia colonial !

A intimação ordenava que eu me dirigisse ao posto policial mais próximo urgentemente. Como esse pessoal de Rigel-7 é tranquilo.

Nenhum policial vai me ver até os meus últimos dias de vida, posso-lhes garantir. Fugi para centros habitacionais mais afastados e menos informados e por lá me estabeleci. Sabia que os policiais de Rigel-7 não iriam me caçar e ninguém na Terra se daria ao trabalho de organizar uma expedição ao planeta longínquo para me apanhar.

No fim, acabei vendendo aquele artigo acerca das "abelhas" (sob pseudônimo, é claro). Houve um grande interesse pelo mecanismo de defesa das "abelhas": bastava que elas percebessem a presença de inimigos por perto para que invertessem as características do seu mel, fazendo com que seus "consumidores" se arrependessem amargamente de tentarem repetir a dose. De estimulante para depressivo ninguém aguenta !

Mas isso não me ajudou junto aos credores ou aos litigantes.

Até que vivo bem aqui em Rigel-7. Às vezes baixa a frustração por ter perdido a oportunidade de enriquecer fácil, mas quando isso acontece, eu procuro uma colméia camarada e...

EXTINÇÃO EM MASSA

Gerson Lodi Ribeiro

Mare Imbrium, Lua - 2139 AD;

Fragmento encontrado na base científica anteriormente habitada por alienígenas oriundos do Planeta Terra (traduzido com o auxílio de computadores de análise semântica).

"... Infelizmente, os últimos cálculos não dão margem a qualquer dúvida. O grande meteorito que, segundo os tranquilizadores informes oficiais do governo, iria cruzar a órbita terrestre a poucos milhares de quilômetros de distância de nosso mundo, na verdade se chocará com o mesmo.

O efeito do choque de um rochedo com oito quilômetros de diâmetro médio, rasgando o espaço interplanetário à velocidade relativa de 45 Km/s, parece-nos dramaticamente óbvio. O impacto significará não apenas o fim da civilização tecnológica - construída ao longo de milhares de anos de história, desde o advento da agricultura até a conquista da Lua - mas, a própria extinção da espécie.

Parece inacreditável que uma simples rocha, ínfima pelos padrões cósmicos que atualmente manipulamos, possa nos levar à extinção. Totalmente extintos. Nós, que nos consideramos, há menos de quatro séculos atrás, a obra-prima da Criação, elaborados à própria imagem do Espírito Universal. Nossa espécie - sobrevivente de várias glaciações planetárias, conflitos mundiais e à guerra fria da Era Atômica, e que, há menos de um século, ainda dividida em Estados Nacionais, iniciou a conquista da Lua - completamente extinta.

Todavia, se tal servirá de consolo a alguém, não seremos os únicos. Todos os grandes vertebrados do planeta desaparecerão conosco. De acordo com cálculos balísticos precisos, o meteorito atingirá uma massa continental e não o oceano. Não divulgaremos o local exato de impacto a fim de evitar o desencadeamento de um pânico inteiramente inútil, uma vez que não haverá em toda a Terra um local seguro para os refugiados. Afinal, o impacto levantará uma gigantesca nuvem de poeira. Este material liberado na atmosfera posuirá uma massa estimada em duas ordens de grandeza acima da massa do meteorito em si. O tempo médio de precipitação da fração dessa poeira para conseguir se elevar até a baixa estratosfera será da ordem de alguns meses. E, durante esse período, essa fração será mais do que suficiente para praticamente impedir a passagem dos raios solares. Será uma noite longa e tenebrosa; um longo e terrível inverno.

Com grande parte da radiação solar refletida para as altas camadas da atmosfera, a temperatura na superfície cairá bem abaixo do ponto de congelamento da água na maior parte das áreas continentais.

As regiões costeiras e as ilhas estarão a salvo do frio, graças ao efeito térmico moderador exercido pelos oceanos. Contudo, a diferença de temperatura entre o mar e a terra submeterá tais regiões a ciclones e tufões constantes e de intensidade avassaladora.

Na ausência de luz solar, as plantas clorofiladas terrestres e o fitoplâncton não mais farão fotossíntese e, com o frio súbito e intenso, perecerão. Os herbívoros de grande porte, aqueles poucos poupados pelas intempéries climáticas, muito provavelmente sucumbirão pela fome. E os carnívoros os seguirão. Nossas culturas agrícolas e animais de criação, pertencentes a ecossistemas mais frágeis, serão os primeiros a se extinguirem.

Análises espectrais detalhadas indicaram que o meteorito é extremamente rico em óxidos de nitrogênio. O impacto fará com que tais substâncias sejam arremessadas para além da troposfera. A reação química desses compostos nitrogenados com o ozônio atmosférico destruirá parcialmente a camada que protege os seres vivos contra a radiação ultravioleta do Sol. Cerca de seis meses após o impacto, o ciclo dia-noite estará restabelecido, e os poucos sobreviventes da hecatombe estarão sob a ação de um feérico bombardeio de ra

dição ionizante cuja resultante mutagênica a longo prazo será para sempre ignorada. Apesar disso, os intensos efeitos deletérios a curto prazo sobre o desenvolvimento dos seres vivos já sejam nossos velhos conhecidos.

Será este o epílogo da história da vida em nosso planeta ? Não cremos. A extinção dos grandes vertebrados e dos demais organismos superiores dominantes representará a vacância da grande maioria dos nichos ecológicos nos habitantes terrestres. Nichos livres, prontos para serem ocupados por espécies mais primitivas e resistentes. Justamente os insetos e alguns outros animais pequenos e estranhos, hoje tidos como meras pragas agrícolas. Com uns poucos milhões de anos de irradiação evolutiva, esses animaizinhos deverão estar diversificados o bastante para preencher a grande maioria dos nichos ecológicos atualmente ocupados por animais de nossa própria classe taxonômica ..."

As criaturas trajadas em vestes espaciais haviam acabado de interpretar a tradução emitida pelo equipamento fixado ao tórax do ser de maior estatura, que aparentava ser o líder. Voltam as costas para a placa de irídio finamente gravada com ideogramas e caracteres estranhos e caminham em direção a eclusa da nave espacial de formato discoidal que os trouxera àquele mundo morto.

Já em ambiente pressurizado, uma vez despidas as vestes especiais, a aula prática continuou :

- Bem, crianças, como acabamos de verificar, espécies biológicas muitas vezes desaparecem em meio a catástrofes naturais que desencadeiam processos comumente denominados "Extinções em Massa". E, isto pode ocorrer mesmo com espécies racionais, portadoras de civilização quase tão sofisticada quanto a nossa.

- Puxa ! - Exclama uma das alunas . - Eu gostaria tanto que os dinossauros ainda existissem ...

- A Terra seria um planeta muito perigoso para a Humanidade, querida criaturinha evoluída de pequenas pragas primitivas. - Replica bem humorado o professor à garotinha ruiva e saurófila. - Afinal, todos os mamíferos placentários, de acordo com nossos extintos amigos saurópodes racionais, não passam de produtos de uma resultante mutagênica que começou a atuar sobre os descendentes de certas formas vertebradas de pragas agrícolas há cerca de 65 milhões de anos atrás, lá pelo limite entre o Cretáceo e o Terceário.

FUGA

Laerte Francisco Lemmi

"Não sei por quanto tempo ainda os perseguiremos, mas como minha promoção depende da prisão desses homens, será até o fim da minha vida. Sei que, se fosse pela vontade de meu imediato, já estaríamos rumando para a Terra, mas é que ele não entende os problemas que causarão o roubo da primeira nave que pode, teoricamente pelo menos, atingir 100% da velocidade da luz. Felizmente, para nós, ela foi construída simultaneamente, sem que ninguém soubesse de sua existência, com a que foi roubada. Pelo menos dá essa impressão, para que, caso acontecesse o que realmente aconteceu, tivéssemos uma nave que pudesse perseguir a primeira".

- Velocidade de 0,9 c.

- Senhor, peço permissão para discordar dessa ordem.

"Meu imediato é um bom rapaz e oficial, mas muito preocupado com a sua volta a Terra. Deve ter alguém por lá que ocupa a sua mente".

- Opinião registrada e indeferida. Não quero perder essa nave fugitiva.

"Agora já estamos há 1 mês, desde o começo da perseguição. Nossa velocidade é de 0,9999 c. Na outra nave eles querem fazer de tudo para que os deixemos de perseguir. Talvez até atinjam a velocidade 1,0 c, pois eles não devem saber o que lhes acontecerá nessa velocidade. A única indicação que têm é um risco vermelho, mas será que compreenderão ?

Só resta esperarmos que tenham bom senso.

Mesmo os cientistas têm dúvidas sobre o que viria a acontecer. Só Einstein não nos deixa dúvidas. Segundo a sua teoria, à medida que alcançamos a velocidade da luz, nosso tempo passa mais devagar que na Terra e a nossa massa aumenta. O maior problema é quando atingimos a velocidade da luz, poi..."

- Nave fugitiva com 0,9999999 c, Senhor.

- Acompanhe a velocidade, senhor Tompson.

"Devemos ter cuidado, não podemos chegar a 1,0 c. Ao que parece eles já notaram o risco no marcador de velocidade e, mesmo não sabendo o que significa, não queremos que se arrisquem. Não sabem o por que, mas temem o risco.

Será que ao perseguí-los, eu não os estaria empurrando para o desespero e eles, então, se arriscariam? Esse pensamento não me sai da cabeça e, por isso, mandei que colocassem a nossa nave em uma rota paralela à deles. Se chegarem a velocidade crítica, pelo menos teremos uma chance de escapar".

- Senhor, eles vão atingir a velocidade máxima.

- 0,01 graus para estibordo, rápido.

"Infelizmente aconteceu o que eu temia, ao alcançarmos a velocidade da luz eles atingiram a massa crítica e no seu centro de gravidade surgiu um ponto de singularidade. Não foi à toa que colocaram aquele risco vermelho.

Um pensamento me consola: apesar de empurrá-los para a morte, eles nada devem ter sentido. A sua destruição, quando se transformaram, foi rápida e, espero, indolor. Seu túmulo será grandioso, pois, confirmando a teoria, se transformaram em um buraco negro".

ARTIGOS

REGRESSO

DEPOIMENTO DO ESCRITOR BORIS STRUGATSKI, AMIGO DE ANDREI TARKOVSKI

O destino criativo e humano de Andrei Tarkovski, realizador soviético, foi difícil e trágico. Aos olhos dos autênticos amadores do cinema ele apresenta-se como um mestre da arte elevada e sempre franca, mas do ponto de vista dos administradores cinematográficos ele é um artista inconveniente e quase incompreensível. E o grande público nem sempre o compreendia ...

Tendo deixado o nosso país em 1982, Andrei Tarkovski sofreu uma grave crise espiritual, uma doença cruel. A morte ceifou-o em fins de 1986 e ele não pode regressar à Pátria que amava de veras. E é grande pena, pois nas vésperas os seus filmes voltaram aos ecrãs de muitos cinemas da URSS.

"No dia 3 de janeiro de 1980, à noite, eu e Andrei Tarkovski apresentamos o filme **Stalker** aos responsáveis pela distribuição de filmes. Numa sala enorme reuniram-se pessoas que foram encarregadas de definir qual será a atitude do público em relação ao filme e, por conseguinte, quantas cópias deveriam ser editadas.

Cheguei lá quando o filme já tinha acabado. Andrei estava a esclarecer o filme, falava sobre o processo da sua criação e respondia às perguntas. Estas pareciam-me esquisitas. De repente soou um baixo profundo: "Quem é que vai ver um disparate desses?" Ouvimos um riso insultuoso. Andrei ficou pálido, apertou os punhos. Fazendo um esforço para não olhar para ele, pedi a palavra. Mas eles já estavam a sair. Sei lá eu onde foram estes gênios da distribuição de filmes! Eu a falar e a vê-los sair devagarinho, trocando piadas em voz alta ... Nunca na minha vida suportara um ultraje destes.

Recordo como nós descemos do palco e saímos para o vão da escada. Andrei rangia com os dentes. As minhas mãos tremiam e custou-me muito acender um cigarro. Algumas pessoas pararam ao pé de nós. Olhando em redor, preocupadas, elas murmuravam a meia-voz: "Não

parecem que são todos assim ... Nós compreendemos ..."

Para toda a União Soviética foram feitas só 196 cópias. Moscovo recebeu três.

Só nos primeiros meses, em Moscovo, dois milhões de espectadores foram ver o **Stalker**.

O acolhimento dos outros filmes dele não foi melhor. Insultado e aborrecido por litígi os com o departamento de distribuição e com o Comitê Estatal de Cinema, Andrei Tarkovski, em março de 1982, por convênio oficial, partiu para a Itália no intuito de participar na rodagem dum filme de co-produção sovieto-italiana. Mais tarde o prazo da sua estadia foi prolongado ...

A penetração no mundo de Tarkovski exige muitos esforços. Os seus filmes inspirados na alta cultura, poesia, compõem-se de metáforas, associações, realidades cinematográficas sem par, nas quais a vida "é representada como num sonho". É legítimo que o contacto com os seus filmes não surja logo, mas, uma vez surgido, o espectador é conquistado pelo drama de idéias levadas ao seu ponto culminante, fica cheio de energia, eleva-se sobre as banalidades do quotidiano.

- Não imagino como um realizador pode concretizar a sua intenção por meio de uma linguagem "acessível" - raciocinava o realizador. - Isso significa adular o espectador, pisar-lhe o olho, fazê-lo rir, diverti-lo, tentar agradar-lhe... Isso nunca passa despercebido e faz sempre o artista perder a sua dignidade e o respeito pelo público. Parece-me que a única hipótese é uma linguagem franca. Para mim cinema é uma moral e não uma profissão.

Sem saber como será a sua vida no Ocidente, Tarkovski já era torturado pela idéia da nostalgia, que, sendo uma expiação, irá inevitavelmente apanhá-lo a ele, um artista genuinamente russo, em terras alheias. O título do seu primeiro filme (rodado na Itália) **Nostalgia** nem precisa de ser comentado.

No Ocidente ele rodou mais um filme - **Sacrifício** (Suécia), e encenou a ópera de Modest Mussorgski **Boris Godunov** em Covent Garden de Londres. Todas estas obras foram acolhidas com êxito e aplausos da crítica. Tudo era aprovado, louvado e reconhecido pelos melhores realizadores e escritores da Europa Ocidental. Mas será que ele era realmente feliz lá, ora sob o céu azul da Itália, ora entre as severas dunas suecas? Ou aquilo que disse ao comentar o filme **Nostalgia** referia-se a si próprio? - "A nostalgia russa é um estado e uma disposição especial da alma ... O apego dos russos às suas raízes, ao seu passado, à sua terra, aos seus próximos e amigos, ao seu modo de vida, individual e social, é um dos nossos traços caracterológicos. É bem conhecida a incapacidade dramática dos russos de romper com as suas raízes eternas".

E com que amarga tristeza é tratado no filme o tema da casa natal, cujas recordações perseguem o protagonista, um intelectual russo! ... Na sua consciência enfraquecida aparece a visão duma aldeia russa coberta de neve e que parece enquadrada em ruínas antigas.

Um homem que perde a sua casa ou fica isolado dela torna-se uma pessoa semeira nem beira, caule de erva desprotegido ante a acção do vento, e é levado para o oceano mundial, também se sente um apóstata desenraizado da casa dos seus pais.

No **Solaris**, filme filosófico-fantástico, o protagonista, ao olhar para a Terra de lá das profundezas do Cosmos, é possuído de um apego muito íntimo a este planeta magnífico e frágil que conserva o calor da casa natal. No final do filme, o filho pródigo, quase como na Bíblia, está de joelhos perante o pai, no meio da matéria extraterrestre revolvida que, aliás, fica apaziguada face a este regresso, a esta contrição, ao pedido de perdão.

E que profecia esquisita veio a ser o próprio filme! Rodado no período mais favorável e calmo da sua vida, ele, como já ficou claro, incluía a tragédia do seu próprio destino que não foi concluído diferentemente do protagonista do "Solaris", cuja alma perturbada viria a reencontrar o sossego.

Provavelmente, o filme mais complexo e confessional de Andrei Tarkovski é o **Espelho**, ligado diretamente às recordações pessoais do seu criador, à sua mãe e a outras pessoas íntimas ... Podia ter sido intitulado a **Casa** e este nome correspondia à sua idéia. Todo o espectro de imagens e recordações do protagonista que vemos no ecrã é o espelho da sua consciência desvairada.

- Durante os meus sonhos aparecia-me sempre a mesma imagem - contava Andrei Tarkovski.
 - Sonhava com a casa onde nasci. E eu entrava ou mais propriamente ficava perto dela sem entrar. Estes sonhos foram sempre incrivelmente reais e sempre ligados a uma sensação bastante pesada. Há algo que me atrai para o passado. Pensei que ficaria livre disso se o contasse. E decidi escrever um conto. Mas pouco a pouco foi-se compondo um filme ... Verificou-se que o sentido do filme e a sua idéia-base não consistem em livrar-me das recordações. Na prática, mesmo que o filme seja muito pessoal, nunca será realizado se estiver apenas centrado no autor.

Espelho é um filme sobre gerações de pais e filhos. A geração de Andrei Tarkovski adorava e admirava os seus pais. Eles combateram o fascismo, defenderam a casa e a família. Eles não comprometeram a sua honra de seres humanos mesmo atrás do arame farpado. E nenhuma violação, nenhuma fórmula do tipo stalinista "o filho não responde pelo pai" conseguiram anular este sentimento, esta fidelidade e dedicação. Muitos quadros do filme são acompanhados pelos versos de Arseni Tarkovski, destacado poeta soviético, pai do eminente realizador.

Cobria hortelã a nossa via
 E tantas aves nos seguiam
 E os peixes subiam pelo rio
 E os céus se desdobraram aos olhos
 Quando o destino sem escolhos
 Nos perseguia de navalha pelo
 caminho valadio.

O último filme de Andrei Tarkovski foi dedicado ao seu filho.

Numa cena inicial do **Sacrifício**, pai e filho plantam no litoral numa ilha uma árvore seca. Enterram-na lentamente na areia e o pai diz ao menino que se ele tomar conta da árvore, se acreditar que ela vai florescer e ressuscitar, que irá ter folhas, assim será. Pai e filho permanecem ao pé da árvore durante muito tempo e a câmara afasta-se devagar mostrando, em relevo, a paisagem deserta da ilha e uma casa solitária ao longe.

São quadros requintados e cada um deles é uma miniatura, um postal. Tarkovski, sendo mestre da paisagem, "transfere" o público para o dia-a-dia embelezado, para a vida elitista numa família sueca respeitável.

Os protagonistas do **Sacrifício** têm nomes russos, nos diálogos aparece Dostoevski, o escritor Aleksandre (russo de origem) estuda um livro sobre iconografia russa... Pintura russa, nomes russos, Dostoevski dum lado e do outro lado uma ilha longínqua num mar noroeste, exílio para o homem que perdeu a sua fé e o seu objetivo.

Em casa do escritor não há felicidade. Na sua mesa vê-se uma flor, uma folha de papel e uma pena. Tudo é lindo, como uma natureza morta. Mas a folha nunca é preenchida, na mesa tudo permanece no mesmo lugar: o herói não tem temas, a sua alma é atormentada pela sensação de solidão cada vez mais profunda entre as pessoas, malgrado o conforto e estabilidade burguesa da sua vida, onde reina a sociedade, excessiva e funesta para a personalidade. E a vida despojada de sentido será inevitavelmente expiada. E o dia do ajuste de contas acaba por chegar - a rádio informa sobre o início duma guerra nuclear. Em casa, cada um reage a seu modo a esta mensagem horrível: um cai em desespero, outro fica imperturbável. E só Aleksandre não consegue aceitar esta inevitabilidade. Ele faz uma promessa a um deus abstrato: abster-se de todo o seu bem-estar se a Humanidade ficar a salvo deste castigo. E ao fim de uma noite horrível vem uma manhã clara e verifica-se que nada aconteceu, que o fim do mundo não chegará e que é possível retomar o curso da vida passada. Mas Aleksandre, cumprindo a promessa feita, queima a sua casa. E nas chamas arde tudo o que ele amava, tudo o que esteve a criar durante a vida. O fogo queima não só a casa, mas também o mundo inteiro, em que habitavam as almas dos habitantes desta casa. É evidente que um homem que decidiu fazer um sacrifício destes, mesmo que em nome da sua salvação espiritual, é encarado por todos como um rebelde louco que deve ser isolado num hospital de alienados. Aleksandre é levado pela ambulância. Mas deste modo ele rompe o círculo vicioso, pois o livro não pode substituir a Pátria, os ícones russos não são a fé e as recordações são o passado e não o presente.

E a atividade criadora de Tarkovski acabou com esta dissonância dolorosa. O homem que sacrificou tudo o que amava, tudo em que acreditava, foi a última imagem em que se personificou-se a alma do próprio artista.

Lã em terra alheia a casa não é casa, o sossego não é sossego e a alegria da criatividade não é alegria da criatividade. Regressem para casa, para a Pátria, para o vosso ar e as vossas tristezas, para a mãe, para a terra dos vossos pais, é este o apelo desta película.

Jã apôs a morte de Andrei Tarkovski, na imprensa soviética foi publicada a sua última carta que endereçara a seu pai, o que ajudou a compreender e a esclarecer muita coisa. É uma carta de desespero, cheia de ultraje por ele não poder ver o seu filho, ainda aluno da escola, que, durante muito tempo não foi autorizado a ir ao estrangeiro. Contudo Tarkovski escrevia : "Tenho a certeza de que tudo acabará bem, que vou terminar o meu trabalho aqui e regressar em breve para Moscovo... Não sou dissidente, sou um artista que deu o seu contributo ao tesouro da arte soviética. E não o último, penso eu... Continuo a ser um artista soviético e vou continuar a sê-lo, sejam quais forem as acusações dos culpados que me empurram para o estrangeiro..."

Passaram mais de três anos desde o dia em que foi escrita esta carta e muita coisa mudou no nosso país depois do XXVII Congresso do PCUS. Foi substituída a direção do Comité Estatal de Cinema. Mas Andrei Tarkovski já não conseguiu sentir e apreciar estas transformações.

Compilado dos jornais SOVETSKAIA KULTURA e SPUTNIK FESTIVALIA por VERA KONDRATOVITCH. Transcrito da revista SPUTNIK, março/1988.

RESENHAS

Gilberto Schoereder

Ave-do-Arremedo (Mockingbird) 1980, Walter Tevis
Caminho Ficção Científica, nº 51, 202 páginas

Bom lançamento da coleção Caminho de um autor pouco ou nada conhecido no Brasil. História muito bem desenvolvida sobre uma humanidade já em fase final de um processo de esvaziamento de valores, com o conhecimento sendo relegado a um segundo plano. O personagem principal, o andróide Spofforth, é um dos seres mecânicos mais bem desenvolvidos da história da FC.

A Estrada da Eternidade (Highway of Eternity) 1986, Clifford D. Simak
Argonauta nºs. 359/359 A, 176/172 páginas

O mais recente trabalho do famoso escritor norte-americano, infelizmente muito distante dos seus bons dias de "Cidade", sua obra-prima, ou do bom "Os Visitantes". As idéias apresentadas são confusas, os personagens vazios, as situações repetitivas, seguindo um enredo sem muito sentido onde os personagens, humanos e alienígenas, viajam através dos planetas e tempos diversos do universo sem que se saiba exatamente qual o objetivo final de tudo isso. Um livro decepcionante.

Decisão em Doona (Decision at Doona) 1967, Anne McCaffrey
Europa-América FC nº 136, 211 páginas.

Livro escrito antes do sucesso da escritora com sua série no "Planeta dos Dragões", abordando um tema que parece ser o preferido de McCaffrey : o contato entre raças diferentes. Aqui, os terrestres encontram-se com uma pacífica raça alienígena no planeta Doona. Boa história, superior inclusive ao mais recente "O Planeta dos Dinossauros" (1984), e com uma passagem particularmente feliz, onde a escritora, em apenas cinco páginas, consegue transmitir a noção exata da vida na super povoada Terra, condensando informações sem prejudicar a narração da ação.

Os Mercadores do Espaço (The Space Merchants) 1952, Frederik Pohl e C.M. Kornbluth
Europa-América FC nº 137, 154 páginas.

Publicado anteriormente pela Argonauta (nº 188). Considerado um dos clássicos da ficção científica, e narrado com muito bom humor. Ridiculariza o sistema consumista que, naquela época, já assolava os EUA, ao propor uma sociedade totalmente voltada para o consumo, dividida entre classes de consumidores e publicitários. Estes dominam absolutamente tudo, a ponto de representantes do Senado dos EUA serem conhecidos e chamados não

pelo estado que representam mas pela companhia que os paga. A história conta a modificação no comportamento de um publicitário, Mitchell Courtenay, devido à ação dos conselheiros, os conservacionistas, que se opõem à política consumista do Estado. Crítica feroz e bem humorada, com momentos memoráveis, como quando o presidente dos Estados Unidos não é recebido numa companhia, e tem de voltar à Casa Branca repartindo um taxi com Courtenay.

A Guerra dos Mercadores (The Merchant's War) 1984, Frederik Pohl
Europa-América FC nº 138, 227 páginas

Na capa do livro surge o nome de C.M. Kornbluth como co-autor do livro, o que é impossível dado que Kornbluth faleceu em 1958. Pohl segue a ideia apresentada em "Os Mercadores do Espaço", apresentando a sociedade consumista dominada pelas agências de publicidade, cada vez mais poderosas, e aumentando o problema para um conflito entre a Terra e Vênus. Pohl centra a narração no personagem Tennison Tarb, o próprio narrador. Não tão bem humorado quanto o livro de 1952, segue um esquema exatamente igual a aquele, com a ascensão e queda, e posterior transformação do personagem principal.

Os Robôs e o Império (Robots and Empire) 1985, Isaac Asimov
Editora Record, 363 páginas

Uma continuação ao livro "Os Robôs do Amanhecer" (também pela Record), situando sua história cerca de 200 anos após os acontecimentos verificados naquele livro. Apresenta os robôs Daneel e Giskard, num momento em que grave crise se aproxima da galáxia, tendo a Terra colonizado vários planetas após o afastamento da influência de Aurora sobre seus planos. Um momento importante na bibliografia de Asimov, uma vez que neste livro é criada a "Lei Zero da Robótica", que altera as três leis já conhecidas. A lei zero diz: "Um robô não pode prejudicar a Humanidade ou, pela inação, permitir que a Humanidade se ja prejudicada". Todo o livro gira em torno das ações dos dois robôs. Eles mesmos criam a Lei Zero, e desenvolvem suas personalidades de forma fantástica, ao mesmo tempo mantendo a aura de robô em torno deles e conferindo-lhes humanidade. Parece que Asimov, com a continuação das histórias dos robôs, tem a intenção de preencher um vazio em sua história da galáxia, chegando até à criação do Império. Um trabalho maravilhoso de Asimov, envolvente, comovente, lógico e completo em seus raciocínios.

Tiger ! Tiger ! (Tiger ! Tiger !) 1955, Alfred Bester
Brasiliense, 255 páginas

Publicado anteriormente pela Argonauta (nº 241) e pela Europa-América FC (nº 81) com o título "Estrelas-O Meu Destino", a edição brasileira vem com uma boa tradução, ainda que seja inexplicável o porque do título original ter sido mantido. Bester conta a história da vingança de Gulliver Foyle, um homem normal, abandonado à deriva numa nave em meio a nada, e que desenvolve excepcional capacidade de jauntar, o termo utilizado pela sociedade do século XXIV para descrever a capacidade de teleportação. Foyle é resgatado por selvagens do espaço e tem seu rosto tatuado de maneira grotesca, assemelhando suas feições às de um tigre. Como em seu romance anterior, "O Homem Demolido", Alfred Bester utiliza muito bem as técnicas da poesia concreta para enfatizar passagens do texto, e não dispensa uma grande dose de humor negro para descrever uma sociedade altamente corrompida e cínica, onde a classe dominante divide-se em clãs que levam os nomes de antigas marcas comerciais, como os Kodaks, os Essos e os Sears-Roebuck. Um clássico da ficção científica e um bom início de 1988 em termos de lançamentos nacionais.

A Pegada (Footfall) 1985, Larry Niven e Jerry Pournelle
Gradiva Bolso, números 5 e 6, 308 e 278 páginas

A Gradiva de Portugal estava apresentando a série de livros de ficção científica com a melhor apresentação gráfica de que se tinha notícia. Mudou para formato de bolso, com apresentação gráfica inferior. Este "A Pegada" apresenta problemas de diagramação às vezes bastante sérios, comprometendo o ritmo de leitura, sem a separação devida entre as cenas descritas, além de problemas de tradução. Narra uma invasão à Terra por seres semelhantes a elefantes, e baseia-se na absoluta falta de entendimento entre as duas raças devido à enorme diferença de costumes. Uma narração um tanto confusa, principalmente nos primeiros capítulos, assemelhando-se demasiadamente a um telefilme mediano. Ainda assim, pode-se dizer que, retirando-se os excessos de patriotismo barato, pode ser um bom livro de aventuras, sem apresentar nada de novo ou fora do comum.

TIRANDO UMA GRANDE DÚVIDA

Rubenildo Pithon de Barros

Por mais de dois anos me furtei, por motivos que explicam mas não justificam, a colaborar com o SOMNIUM.

Tendo lido, entretanto, o artigo "Uma Grande Dúvida", escrita por "Elfos", publicado no SOMNIUM de jan/88, referente ao livro "Mission of Gravity", de Hal Clement (ainda sem tradução em português), comovi-me com o desespero do autor e resolvi "entrar no jogo". Não é minha intenção esgotar o assunto e sim salvar a sanidade mental do "Elfos", através de alguns comentários que, espero, ajudem a elucidar a situação.

O livro Mission of Gravity é ambientado no planeta Mesklin, cujo período de rotação é de 18 minutos, diâmetro equatorial de 48.000 milhas e **distância linear** (não diâmetro polar) entre os polos de 20.000 milhas. O valor da aceleração devida à gravidade nos polos é de 700 g e no equador 3 g, lembrando que g representa a gravidade terrestre. Com esses dados "Elfos" realizou alguns cálculos que não corresponderam às informações "científicas" do livro, daí seu desespero.

Antes de iniciar, devo salientar que o livro citado, publicado em 1953 como "serial" no Magazine of Fantasy and Science-Fiction e em 1954 como livro, marcou época pelo rigor científico, só comparável posteriormente a obras como o Ringworld de Larry Niven e Encontro com Rama de Clarke, Orbitville de Bob Shaw, entre outras.

Nos cálculos realizados por "Elfos" foi usada a Lei da Gravitação Universal, formulada por Isaac Newton e encontrada nos livros como :

$$F = G \frac{m_1 m_2}{R^2}$$

onde :

- F - Força de atração entre dois corpos
- $m_1 m_2$ - Massas dos corpos
- R - Distância entre os corpos
- G - Constante universal de Gravitação

Uma leitura do velho "Físico" da dupla Resnick/Halliday revela que a fórmula acima é aplicável a **massas pontuais**, ou seja, massas concentradas num ponto, ou massas redutíveis a massas pontuais. Prova-se pelo Cálculo Diferencial (aliás desenvolvido por Newton para auxiliá-lo nos problemas de gravitação) que **esferas** ou **cascas esféricas**, com massas específicas constantes, comportam-se, gravitacionalmente, como massas pontuais.

No caso do planeta Mesklin, portanto, a fórmula acima **não** é aplicável, ou seja, não representa adequadamente a lei de Gravitação. É necessário o auxílio do Cálculo para se deduzir a fórmula aplicável ao caso em questão, ou outros casos interessantes como Ringworld e Orbitville.

Outro ponto a ser focado é a influência do movimento de rotação. Mesmo a Terra (considerada como uma esfera rígida de massa uniformemente distribuída e constante) o valor da aceleração devida à gravidade varia com a latitude, isto é, é maior nos polos do que no equador. Isso explica a tentativa de localização de bases de lançamento de foguetes e satélites o mais próximo possível do equador, justamente para aproveitar a força centrífuga e diminuir a velocidade de escape. Como exemplos citamos Cabo Kennedy (28º Latitude Norte), Kourou, na Guiana (5º Latitude Norte) e até nossa futura base de Alcântara, no Maranhão (2º de Latitude Sul).

Ainda falando sobre a Terra, tomando para g o valor de 9,80 m/s², raio de 6370 Km, período de rotação igual ao de Mesklin, 18 minutos e considerando o planeta esférico e rígido teríamos no equador uma aceleração centrípeta de 215,6 m/s², quer dizer, se de repente a Terra aumentar sua rotação até os valores de Mesklin, estaremos no espaço já que as forças gravitacionais são insuficientes para manter a coesão da massa do planeta. Com o período de rotação atual, quase 24 horas, a aceleração devida à rotação é de 0,0336 m/s².

Concluindo, mesmo não tendo (ainda) efetuado os cálculos referentes a Mesklin, não me

espanto com os dados do planeta. A própria forma achatada corrobora o exposto sobre a influência da rotação. Quanto a Coriolis, esqueça ! A aceleração de Coriolis é um artifício de cálculo.

Espero, caro "Elfos", ter amenizado sua angústia e conclamo os companheiros, principalmente os amantes do gênero "Hard" (o que quer que isso seja !) a dedicar um pouco do seu tempo à Ciência por trás da Ficção.

O POETA DA INFÂNCIA E DO FUTURO

Marco Aurélio Lucchetti

"Ray Bradbury tem a alma e a sensibilidade de um poeta." - **Life**

Raymond Douglas Bradbury nasceu em 22 de agosto de 1920, na cidade de Waukegan, Illinois, no meio de uma família apaixonada por histórias fantásticas e de aventuras. Inclusive uma de suas ancestrais, Mary Bradbury, foi julgada por bruxaria, no século XVII, em Salem, no célebre episódio que inspiraria a peça **As Bruxas de Salem**, de Arthur Miller. Tia Neva, que morava na casa ao lado da sua, possuía uma grande quantidade de livros com contos de fadas e todos os da série **O Mágico de Oz**, de Lyman Frank Baum; na biblioteca de Tio Bion, que morava no mesmo quarteirão, Bradbury encontrava **Tarzan** e **John Carter de Marte**, ambas criações de Edgar Rice Burroughs; e sua mãe, constantemente, lia-lhe os relatos de Edgar Allan Poe. Tudo isso, fizeram dele, segundo suas próprias palavras, "uma odiosa criança mórbida".

Seus primeiros contatos com o mundo exterior também foram muito importantes para sua carreira; rechaçado pelos outros meninos, isolava-se cada vez mais em si mesmo. Porém, tão pouco se esforçava para ser aceito pelos demais, já que enforcava manequins de loja nas árvores das redondezas para assustar os meninos da rua. Seus cadernos, ao contrário do de outras crianças, eram adornados com esqueletos e castelos assombrados.

Aos doze anos, muda-se com a família para Tucson, Arizona. É aí que trava conhecimento com as histórias-em-quadrinhos de **Tarzan**, ilustradas por Hal Foster e **Buck Rogers**, de Phil Nowlan e Dick Calkins, passando a lê-las para outros garotos, através do rádio. Também em Tucson ele faz mais uma descoberta : um menino que tinha uma coleção inteira de **Amazing Stories** e **Wonder Stories**, duas revistas com contos de ficção científica.

No princípio do terceiro ano de vida em Tucson, a família muda-se novamente, agora para Los Angeles. Contudo, toda sua obra é marcada pela evocação das pequenas cidades do meio-oeste norte-americano e a infância é a principal fonte de inspiração de seus relatos. Além disso, mesmo escrevendo histórias fantásticas e de FC, Bradbury sempre relutou em utilizar-se de certos progressos conseguidos através da ciência : não sabe dirigir um automóvel e não gosta de viajar de avião, preferindo o trem.

Ele foi o único dos grandes autores de FC dos anos 40 que não passou pelas mãos de John W. Campbell Jr. (editor de **Astounding**, publicada pela **Street & Smith Publications**. Foi nesta revista, que hoje recebe o nome de **Analog Science Fiction/Science Fact**, que surgiram a maior parte dos escritores estadunidenses que se dedicam à FC, como Robert Anson Heinlein, Isaac Asimov, Alfred Elton van Vogt, Lester del Rey e Jack Williamson, entre outros). Desde os tempos do Ginásio, Bradbury já tinha inclinações para se tornar um escritor. Num semestre os alunos deviam escrever dez redações, Ray escrevia vinte. Sua professora, apesar de às vezes não gostar muito de seus temas, foi a primeira a encorajá-lo a seguir a profissão. Outra pessoa que muito o estimulou foi a escritora Leigh Brackett, que conheceu na **Liga de Ficção Científica**, em Los Angeles.

O início foi difícil, ninguém queria publicar seus escritos; mas com dezenove anos, já havia conseguido editar, com o subsídio de Forrest J. Ackerman (um dos maiores fãs e colecionadores de material de e sobre terror e FC, editor da **Famous Monsters of Filmland**, para a **Warren Publishing** e criador de **Vampirella**, a bem conhecida vampira dos quadrinhos), **Future Fantasia**. Através desse magazine, cria um movimento, a **Technocracy Incorporated**, cujo objetivo era fundar uma sociedade onde as eleições seriam suprimidas, instalando-se uma ditadura de sábios que passaria a explorar o mundo sob os princípios da tecnocracia. A revista e o movimento acabaram resultando em nada e seus contos continua

ram sendo recusados pelas editoras, até que em novembro de 1941, **Super Science Stories** publicou **Pendulum**, um trabalho feito em parceria com Henry Hasse. O autor começa, então a aparecer, publicando histórias fantásticas. Porém, por essa época, ele também se dedicava às novelas de detetive e mistério, vendo impressos em diversos magazines de mistério, vinte e cinco contos, a maioria, em sua opinião, de poucas qualidades literárias (desde 1970 que Bradbury vinha se dedicando a escrever um romance policial, na mesma tradição de Dashiell Hammett, Ross MacDonald, Raymond Chandler e James M. Cain. Uma verdadeiramente boa história de detetive e mistério. O resultado foi **Morte é uma Transação Solitária**, recentemente lançado nos Estados Unidos e já traduzido para o português).

Seu primeiro livro, **Dark Carnival**, apareceu em 1947, e continha histórias originalmente publicadas em **Weird Tales** e outras revistas, sob os mais variados pseudônimos (Edward Banks, William Elliot, D. R. Bant, Leonard Douglas e Leonard Spaulding). Ainda que algumas delas contivessem elementos de FC, poderiam ser descritas mais como fantasias fantásticas. Esse livro foi o núcleo central de **O País de Outubro**, editado em 1955.

Seu segundo livro, **As Crônicas Marcianas**, publicado em 1950, pela **Doubleday and Company**, numa coleção de FC, já era um trabalho puramente de FC. O livro tornou-se um **best-seller** (a edição de bolso norte-americana passou da 52ª impressão). Nessa antologia está presente um de seus melhores contos: **Chegarão Chuvas Suaves** (título tirado de um poema, incluído no conto, da poetisa Sara Teasdale). Nele, o autor nos mostra uma Terra devastada pelo cataclisma nuclear, onde só resta uma casa intacta. Esta casa contém toda uma gama de aparelhos automáticos: relógio-falante, caixa do tempo, animaizinhos eletrônicos que cuidam da manutenção e limpeza etc... Ao longo da narrativa, nós vemos que a casa continua com toda sua rotina diária, ignorando que seus donos já não mais estavam ali.

A partir das **Crônicas**, seguiram-se diversos outros livros: **O Homem Ilustrado**; que deu origem ao filme homônimo de Jack Smight, com Rod Steiger e Claire Bloom nos principais papéis; (esta coletânea foi publicada no Brasil sob os títulos de **Uma Sombra Passou por Aqui e Recordações do Futuro**); **Os Frutos Dourados do Sol**; **As Máquinas da Alegria**; **Remédio para a Melancolia** e **A Cidade Perdida de Marte** são alguns dos mais conhecidos. Todos de FC.

Entre 1962-1966, Ray Bradbury organiza duas antologias, **F de Foguete** e **E de Espaço**, onde procura reunir alguns de seus melhores contos. Um dos que merecem destaque é **Pilar de Fogo**, no qual um certo William Lantry volta à vida quatro séculos após ter morrido, encontrando um mundo totalmente diferente do dele, isto é, do nosso: os cemitérios já não existem mais (o de Salem, onde estava enterrado, era o último que preservavam como atração turística e com a queda do número de visitantes o governo resolvera desativá-lo), todas as pessoas quando morriam eram cremadas; o medo também era outra coisa que havia sido banido desta sociedade, bem como os livros de terror que tinham sido incinerados na Grande Queima de 2265. Lantry era, então, o último representante de todo um mundo; era o único a conhecer o significado da palavra medo, o único a temer o escuro, o único a conhecer os livros de horror (neste conto, Bradbury tenta fazer uma homenagem a todos os autores do gênero, desde Poe até Howard Phillips Lovecraft, passando por Arthur Machen, Ambrose Bierce, Lord Dunsany e August Derleth).

Num outro conto destas antologias, **Venha ao Meu Porão**, é utilizado basicamente o mesmo tema de **Os Invasores de Corpos** de Jack Finney, ou seja, cogumelos alienígenas se apossam dos corpos de seres humanos.

Uma das poucas novelas de Bradbury (que se especializou em contos), **Fahrenheit 451**, datada de 1953, é talvez sua melhor obra. Ela deu origem ao filme de mesmo nome, dirigido por François Truffaut e interpretado por Oscar Werner e Julie Christie. Num futuro não muito distante, ler ou possuir livros é um ato subversivo, já que o governo acredita que quando o indivíduo lê, ele passa a ser uma pessoa descontente e questionadora e pessoas assim não interessam a este Estado, mais ou menos calcado no Estado totalitário de 1984, de George Orwell, onde o Grande Irmão tudo vê, tudo ouve, tudo sabe. O Estado criado por Bradbury é fundamentado na televisão e nele o individualismo é algo que não existe. Os bombeiros são encarregados de queimarem os livros (**Fahrenheit 451** é a temperatura a partir da qual o papel se inflama). Mais uma vez temos aí a destruição dos livros, tema já utilizado por Bradbury em **Pilar de Fogo** e **Os Exilados** (apesar de nestes dois contos serem apenas os de terror que são banidos). Mas nem tudo está perdido, há aqueles que contestam esta situação - os homens-livros - que, se encarregam de cada um decorar determinado livro, permitindo assim a preservação da cultura.

Por tudo isso podemos afirmar que Ray Bradbury é um homem de nossos dias, que nunca esqueceu e jamais se esquecerá das **tiras** dos jornais que levavam para a sua cidadezinha as histórias de **Tarzan** e **Buck Rogers**. Em outras palavras, recordar é viver.

CRÔNICAS DO ANDRÉ

EDART, DISCO VOADOR E O FUTURO "DA LATA"

André Carneiro

Em um número passado do Somnium, alguém perguntava o que tinha acontecido com a Editora EDART. Eu sei, vou contar, mas, por favor, me poupem de vasculhar arquivos, citar datas e nomes exatos.

A EDART pertencia à EDITORA REVISTA DOS TRIBUNAIS, parque gráfico dos maiores do Brasil, pois chegou a imprimir na época cerca de 80% dos livros publicados no país por editoras de vários estados.

Seu dono era Nelson de Palma Travassos (autor de "O boi e sua senhora" etc... etc...) brilhante conversador, jornalista; faleceu membro da Academia Paulista de Letras. Álvaro Malheiros era administrador ou gerente de todo o complexo. Homem inteligente e bom escritor, foi ele quem teve a idéia de lançar a "ciência-ficção" nas suas coleções. Quem a dirigia era o escritor Mário da Silva Brito e foi quem me convidou e aprovou meus livros de FC lá publicados. Quando Mário Brito foi para o Rio trabalhar na "Civilização Brasileira", fui convidado para substituí-lo. Com muitos planos, Álvaro Malheiros e eu planejamos muitos títulos, nacionais e estrangeiros, incluindo a "Décima Vítima", de R. Sheckley (Elio Petri dirigiu o filme), etc... Nelson Palma Travassos resolveu entregar a direção da empresa ao seu genro Washington Helou, conhecido corretor de imóveis. Acostumado a derrubar prédios, W.H., abruptamente, fez o mesmo com a EDART.

Da lista de livros anunciados nas orelhas e não publicados, havia quatro ou cinco em provas, as toneladas de chumbo empilhadas na oficina. W.H. mandou derretê-los todos, decisão comercialmente absurda pois, naquela fase, cerca de setenta por cento já estava empatado em despesas. Um deles somente conseguiu salvar-se, graças a essa figura extraordinária de técnico em artes gráficas que se chama Bruno de Tolla. Ele mentiu para W.H. que meu "O homem que adivinhava" já estava impresso, o que ele tratou de fazer no dia seguinte.

Assim acabou a EDART, derretida no fogo pelo Sr. W. H., até hoje um competente e vitorioso corretor de imóveis ...

Já narrei aqui que me transformei em personagem de um livro de FC de Brian Aldiss. Pois, melhor do que isso, um disco voador foi mandado até nosso mísero planeta, para que eu o contemplasse.

Uma década atrás, mais ou menos, um amigo meu chamado Juvenal foi me procurar, no começo da noite, afobado: havia um disco voador fazendo evoluções ao norte de Atibaia. Sai correndo (ainda não sabia, é claro, que os espaciais estavam interessados na minha pessoa). Fomos à casa de um amigo comum, emprestamos binóculos e lunetas, pois à noite, máquina fotográfica pouco adianta.

Fora da cidade, em um loteamento desabitado, uma dúzia de pessoas, espantadas, olhava o céu escuro. Lá estava o disco; uma bola de luz que fazia evoluções — às vezes em ângulos retos e mudava de forma; um legítimo e maravilhoso disco voador, pelo menos na opinião dos "técnicos" presentes. Achei a "coisa" bastante espetacular, mas já tinha me defrontado com discos que eram balões meteorológicos, satélites artificiais etc... etc... Com discos, o melhor é colocá-los na vitrola e analisar a música.

Friamente, coloquei minha cabeça encostada em um poste, mentalmente fixei as direções do aparelho etc... Depois, marquei uma cruz imaginária e me desloquei no terreno uns duzentos metros da cada lado. Tendo como referência estrêlas e árvores, percebi que o "disco" não estava se movimentando quilômetros em alta velocidade, mas apenas alguns metros, e que sua altitude era relativamente pequena. Transmiti minhas dúvidas aos es

pectadores e lhes pedi que me ajudassem a pesquisar o terreno para solucionar o mistério. Como sempre acontece, eles preferiam acreditar no fantástico.

Fui sozinho, com uma lanterna, e acabei descobrindo, trezentos metros adiante, o grosso fio de nylon que sustentava o "ovni".

Eu mesmo (com a força da mente e o nylon nos dedos) puxei o disco, que era um enorme papagaio (três metros de diâmetro) com um muito hábil jogo de lanternas elétricas, dispostas de maneira a dar a impressão que deu. O amigo de quem eu tinha emprestado um binóculo foi exatamente o autor da façanha. Ele me confessou que a tinha preparado especialmente para mim e que já fizera o mesmo em outra cidade, produzindo enorme repercussão e declarações convincentes nos jornais. Sinto decepção com o "meu" disco, mas enfim, aqueles segundos iniciais, quando até eu pensei que fosse um "legítimo", valeram a pena ...

Assim como Carl Sagan, Stephen Jay Gould, conhecido cientista e paleontólogo americano, se caracteriza pela capacidade de nos transmitir dados científicos fugindo de um jargão ininteligível. Ele não acredita, por exemplo, que vai haver uma evolução muito rápida do corpo humano, no futuro. Cita o povo Cro-Magnon que, há vinte e cinco mil anos, tinha os mesmos crânios que nós temos. Mas, ele também acha que uma colônia espacial isolada talvez possa gerar uma espécie com algumas diferenças.

Em artigos e livros já disse muitas vezes que a ficção científica é literatura, principalmente. Um dos ramos do gênero, como o romance psicológico, de costumes, histórico, regional, etc ... etc ...

Embora a FC não precise necessariamente tratar de fatos futuros, acredito que uma boa maioria dos romances ocorre em tempos que ainda não chegaram, ou muito recuados em relação à nossa época. Projetar o futuro não é fácil. Tirando os trabalhos com intenções satíricas ou jogando mesmo com uma humanidade não evoluida, o futuro criado pela imaginação tem exatamente de se pautar por uma "coerência" não somente lógica, mas artisticamente equilibrada. Uma visão suposta do futuro muda de autor para autor e de leitor para leitor. Já enunciamos aqui nossas dúvidas de que a família futura tenha a mesma estrutura e preconceitos da falada "família mineira", conhecida pelo machismo, onde os maridos que assassinam mulheres por ciúme, saem sempre livres da cadeia. Quantos anos a gravata masculina irá ainda subsistir? E o cigarro de nicotina? E o álcool, perigosa droga aceita tranquilamente pela família ocidental?

Há um dito popular que afirma ser a realidade mais espetacular do que a invenção literária. Embora alguns romances de FC tenham "previsto" pestes parecidas com a AIDS, esta parece superar todas as previsões.

Alguns anos atrás, autores jovens costumavam pedir minha apreciação sobre contos de FC. Lembro-me que eu era muito exigente sobre a coerência e as possibilidades de certas invenções.

Vamos dar um exemplo interessante. Um conto descreve o seguinte fato: um navio vindo do oriente, Afeganistão por exemplo, traz uma carga de vinte e duas mil latas de uma droga chamada Marijuana, ou Cannabis Sattiva. Cada lata com um quilo e meio do alucinógeno. A carga se destinava a ser vendida nos Estados Unidos mas, perto da costa brasileira, o capitão recebeu uma informação de que a polícia estava em seu rumo, para apreender a carga e prendê-los como traficantes. O que fez o capitão? Resolve jogar toda a carga ao mar, 22 mil latas hermeticamente fechadas. Quando a polícia intercepta o navio, não há nenhuma prova, nenhuma droga à bordo. E as latas? Seguindo as marés e correntes, começam a aparecer no Espírito Santo, Rio, São Paulo, Paraná, etc ... Pescadores ingênuos levam para casa aqueles restos de um provável naufrágio, fazem um chá das plantas, jogam fora, etc ... Porém, gente da cidade começa a procurar as célebres latas e pagar por elas quantias de alguns milhares de cruzados. Centenas de famílias de pescadores pobres passam a viver bem, não de peixe, mas de latas. Marijuana contida nas latas é de excepcional qualidade, muito melhor do que a paraguaia, colombiana ou brasileira. Os usuários se referem a ela como "a da lata". No Rio, em São Paulo e em outros estados, a expressão se generaliza. Fala-se de coisas boas como senda "da lata". Assim, a rádio Gazeta, em meia página de propaganda nos jornais, afirma que seus programas "são da lata".

Que acharam do enredo ? Eu diria que é inverossímel, absolutamente improvável e não ser viria para um conto. Mas aconteceu exatamente assim; todos os jornais e revistas comen taram as peripécias "da lata", que ainda circula por aí como símbolo de qualidade.

Como será exatamente o futuro ? Quem souber, escreva para esta revista e será regiamen te gratificado.

COLECIONANDO

RIO GRAFICA EDITORA

Caio Luiz Cardoso Sampaio

A Coleção Galáxia foi editada entre 1966 e 1968, em brochura, no tamanho 18 x 11 cm, até o nº 14, e 17 x 11 cm os demais (exceto o nº 17 que saiu com 15,5 x 11 cm).

A coleção tem numeração externa até o nº 14; os demais apresentam o número apenas nas páginas internas.

A apresentação dos primeiros 20 números é feita com capas negras, e os dois últimos vo lumes com capas rosa; são livros que devem ser manuseados com cuidado, já que as folhas soltam-se com facilidade. Nesta coleção, o autor nacional não tem vez.

1	Loucura na Galáxia L'Anneau des Djarfs B. R. Bruss	1966	190	12	Eu, um Robô Moi un Robot Maurice Limat	1966	219
2	Ciclo Zero Cycle Zero Peter Randa	-	192	13	O Mundo em Chamas World Aflame H. K. Bulmer	1966	215
3	A Revolta dos Humanos ¹ Revolt of the Humans J. Burke	-	190	14	O Quinto Planeta Fifth Planet Fred e Geoffrey Hoyle	1966	217
4	As Estrêlas são Nossas The Stars are ours H. K. Bulmer	-	190	15	Ópera Interplanetária Space Opera Jack Vance	1966	220
5	Ouvindo o Universo J'Écoute L'Univêrs Maurice Limat	-	187	16	Santuário no Espaço Sanctuary in the Space John Brunner	1966	218
6	Crepúsculo da Razão ¹ Twilight of Reason J. Burke	-	192	17	Guerra em 2018 Born in Captivity Bryan Berry	1966	224
7	Carnaval no Cosmo Le Carnaval du Cosmos Maurice Limat	-	185	18	O Planeta Negro Secret of the Black Planet M. Lesser	1966	218
8	Átomos em Ação Atoms in Action Roy Sheldon	-	186	19	A Cidade dos Mil Sóis City of a Thousand Suns Samuel R. Delany	1967	218
9	Outro Espaço, Outro Tempo Another Space, Another Time H. J. Campbell	-	219	20	Os Imortais The Immortals Rolf Gardner	1967	218
10	Os Vespões de Ouro Les Frelons D'or Peter Randa	-	219	21	A Geléia da Morte Le Grand Kirn B. R. Bruss	1968	218
11	Comando de Transplantação Commando de Transplantation Peter Randa	-	219	22	Hotel Cosmo Hotel Cosmos Jonathan Burke	1968	218

¹ Os volumes 3 e 6 são sequenciais.

THE COLOUR OUT OF TIME

Michael Shea - Grafton Books - 160 pāgs.

Sērgio Fonseca de Castro e Josē dos Santos Fernandes

Continuações podem ser armadilhas tanto para autores quanto para leitores, principal^umente se escritas por um autor diferente, muitos anos apōs a morte do criador da obra original. Este ē o caso de *The Colour out of Time* uma continuaçāo do famoso conto de H. P. Lovecraft publicado em 1927 e notavelmente, o ũnico que este ofereceu a uma revista de FC (o conto pode ser lido na antologia "Um Sussuro nas Trevas", publicada pela Fran^ucisco Alves).

Shea foi ganhador do Worl Fantasy Award, com o romance "Nift The Lean" e jā escreveu uma continuaçāo de obra de outro autor, no caso "A Quest For Simbilis", uma continuaçāo de "The Eyes Of The Overworld" de Jack Vance (seria Shea um especialista neste ramo ???!!!)

Na obra analisada Shea parte do princpio que Lovecraft escreveu seu conto baseado em fatos reais acontecidos num vale da Nova Inglaterra, posteriormente submerso pela cons^utruçāo de uma represa. Uma dupla de professores acampados no lago, percebe estranhas de^uformações na flora e fauna local e a presença de uma cor miasmática pairando sobre o la^ugo. Apōs algumas experiēncias assustadoras, os dois conhecem uma testemunha da primeira apariçāo da "cor" e que tinha conhecido o prōprio Lovecraft. Esta testemunha tinha como obsessāo a destruiçāo do ser e os dois professores se unem a ela nesta cruzada.

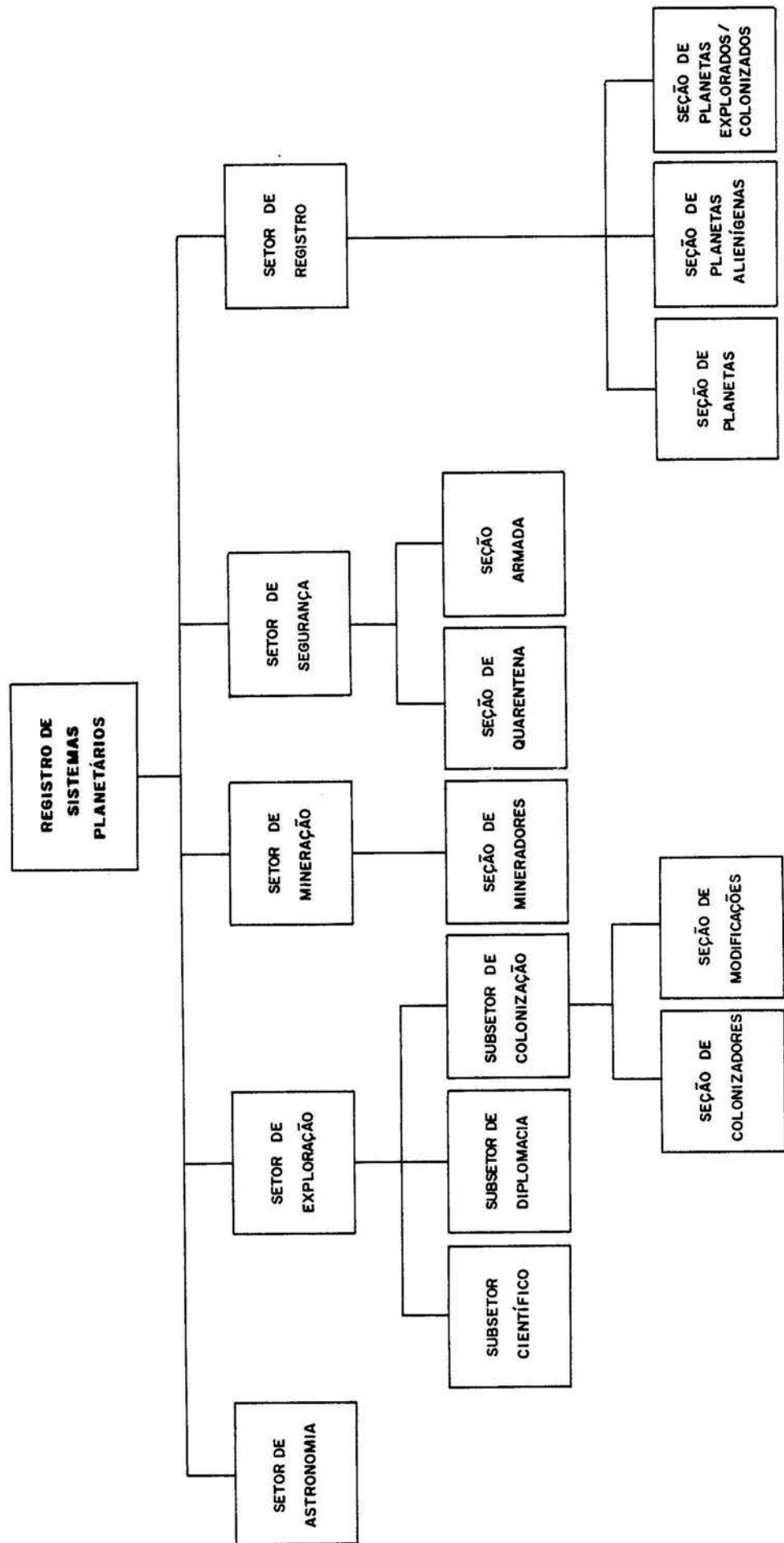
Comparando-se as duas histōrias nota-se que Shea cai na armadilha de nāo perceber a re^ual intençāo de Lovecraft (que nāo era de escrever um conto de terror, mas sim um de FC) e procura escrever no mesmo estilo de Lovecraft, tentando situar a "cor" dentro do uni^uverso fantástico criado por ele (atē mesmo os "Unspeakable Horrors" fazem sua apariçāo !), porē m Shea falha em criar o clima de suspense, terror e repulsa pesados que cercam as obras de Lovecraft e que o tornaram um mestre da literatura de horror.

Um outro problema do livro ē o de ritmo, a histōria alonga-se em demasia e ē repetiti^uva, tornando-se monōtona em certos trechos; sō ao final que a histōria prende o leitor, quando o ritmo se acelera na descriçāo do embate decisivo.

Nossa impressāo foi de que o livro nāo entusiasmarā nem um leitor fanático de Lovecraft e de que este nāo faz a menor justiça a obra que lhe deu origem. Para nōs trata-se de mais um exemplo de continuaçāo perfeitamente dispensāvel ā literatura.



REGISTRO DE SISTEMAS PLANETÁRIOS ORGANOGRAMA GERAL



REGISTRO DE SISTEMAS PLANETÁRIOS

II - SETOR DE ASTRONOMIA

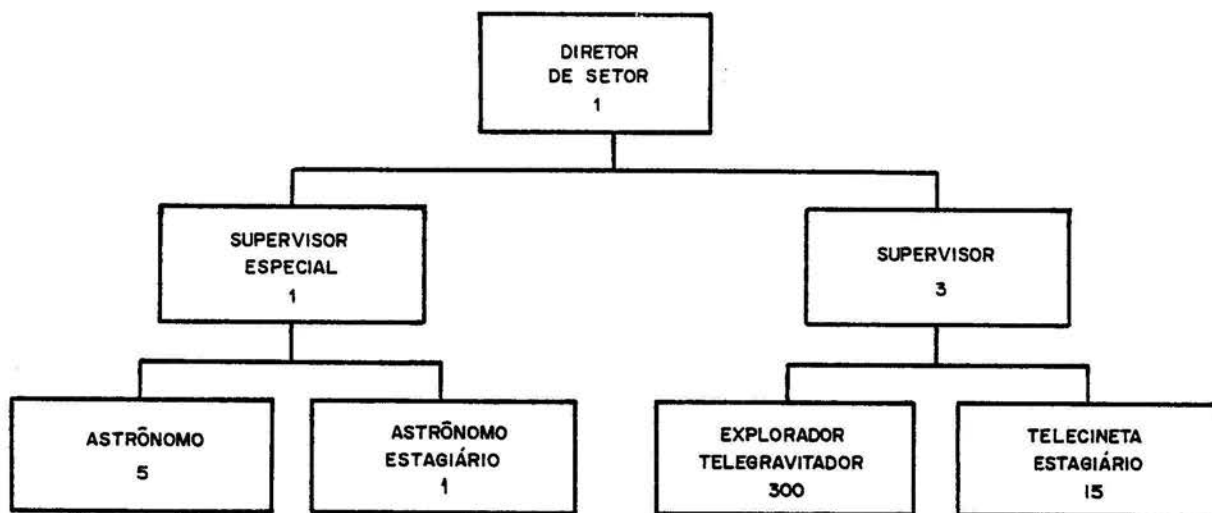
Leon Schita

Neste artigo, e nos próximos, iremos nos aprofundar em cada órgão do RSP e ver detalhadamente seu quadro de funcionários. Hoje iremos ver o Setor de Astronomia.

O Setor de Astronomia, como já foi dito, tem por finalidade descobrir os Sistemas planetários existentes e ainda não registrados. Para tanto, conta com um quadro de funcionários relativamente pequeno. O seu quadro consiste em :

- Diretor de Setor - é o cargo máximo de qualquer setor; tem por finalidade, neste Setor, coordenar as atividades dos Supervisores, decidir para que outro Setor irão as pastas dos sóis pesquisados;
- Supervisor - em número de três, têm por função classificar o material recebido, dividir as tarefas, supervisionar o trabalho dos exploradores telegravitadores e treinar telecinetas para a função. Cada um tem em sua equipe cem exploradores telegravitadores e cinco telecinetas estagiários;
- Exploradores Telegravitadores - sua função já foi anteriormente explicada;
- Telecinetas estagiários - são futuros exploradores telegravitadores; estão em período de aprendizado sobre as funções que irão exercer;
- Astrônomos - em número de cinco, são supervisionados por um supervisor especial; têm a função de localizar e calcular as coordenadas de sóis não registrados¹. A fim de não causar enganos, o Supervisor Especial compara as coordenadas com os sóis já registrados. Também aqui temos um astrônomo estagiário, assistido pelo Supervisor Especial.

Assim, temos o seguinte organograma funcional :



Com isto, vemos que o Setor de Astronomia é a base da exploração do Cosmos e são a eles que devemos agradecer, em primeiro lugar, após pisarmos em um novo planeta para colonizar.

Nota :

¹Este trabalho foi grandemente facilitado, após a invenção do telescópio eletrônico de campo ampliado.

Transcrito da revista Star News, nº 787, 3 de dezembro de 2706, Terra, Via Láctea. Original em marciano moderno.